

A FICÇÃO DE HÉLIA CORREIA: "AS CRIATURAS IRIAM SUFOCAR"

LÚCIA CASTELLO BRANCO
UFMG

O que me fez procurar Hélia Correia não foi exatamente a beleza de seu texto, o desenho melódico de sua ficção. Suave e, ao mesmo tempo, telúrica; surreal e, simultaneamente, terrena, material, sua escrita evoca, em alguns momentos, um certo Guimarães Rosa, em seu ritmo oralizante, em sua dicção alentejana, que nos faz lembrar algum sertão mineiro. Apesar da inegável qualidade de sua literatura, o que me moveu até Hélia foi um depoimento da autora a uma jovem estudante, reproduzido na apresentação de um de seus livros, *Montedemo*, e que diz da posição da escritora em relação ao fazer literário:

Perguntou-me outro dia uma jovem estudante --
interpretando a minha indiferença pelos confortos e glórias do
mercado como indiferença pela publicação -- por que motivos não
guardava eu os manuscritos na gaveta.

'As pobres criaturas iriam sufocar' -- respondi.

Sorrindo, com os olhos vermelhos por uma constante crise alérgica, Hélia Correia abriu-me a porta de sua pequena casa de campo, em Janas, uma aldeia ao pé da serra de Sintra, a 30 Km de Lisboa. O interior daquela casa saloia, minuciosamente ornamentada por pequenos objetos escolhidos por ela mesma, cortinas que ela mesma teceu, paninhos bordados a mão, garantiram àquele nosso primeiro encontro um inesperado ar de acolhimento e intimidade. "Fui eu mesma que teci" -- ela me disse. "Eu não sabia que sabia, porque nunca fiz. Mas minhas mãos sabiam."

Penso, imediatamente, na escrita de Hélia: o mesmo ar de familiaridade ali se desenha. Talvez seja a voz, talvez o tom, talvez uma velha música. Quem sabe a independência dessas criaturas lhes permita circular entre nós, leitores, com certa familiaridade, apesar do constante estranhamento que o clima de seus textos provoca.

"Estou aqui para saber que criaturas são essas que vão enlouquecer" -- eu quis dizer. Não foi necessário. Antes mesmo que eu expusesse "cientificamente" as razões que me faziam interessada nessa relação entre literatura e loucura, que sua escrita me sugeria, Hélia respondia à minha provocação: "quando eu era pequena achava que era louca e, como quase não falava, as pessoas não percebiam. E pensava: elas não percebem é porque não falo".

Lembro-me, então, de Alvaro, personagem de *A Casa Eterna*, seu livro mais recente (1991), "para quem a realidade mais forte da vida são as palavras". A realidade "para lá das palavras" talvez permaneça, também para Hélia. Mas talvez permaneça em sua forma secreta, jamais revelada, como a menina e sua loucura.

"Escrevo no limite da loucura. Começo a escrever quando já não posso suportar as personagens. É como estou agora -- agora estou quase a chegar ao momento do insuportável. E vou ter que escrever. O que é muito agradável é ainda o antes da fala: elas aparecem e eu as vejo estar, viver. Aqui, em Janas, acontece muito: quando estou sozinha, a meter as mãos na terra, me vem aquele texto praticamente pronto. Ou, então, naquele momento pré-sono, depois de apagar a luz, um momento para mim muito difícil em que, de repente, vai-se perder... e nesse momento é o meu momento de criação. E muito bom, eu prolongo o mais que posso essa situação porque é um sonho, alguma coisa muito larga, em que as pessoas existem ainda muito sossegadamente".

Tudo isso, dito dessa maneira natural e despreziosa, não costuma ser percebido pela intelectualidade sem algum incômodo. Afinal, como a própria autora admite, na contemporaneidade "é suposto que toda a gente trabalha a escrita; o trabalho da escrita é elementar. Eu sinto-me muito aflita porque não trabalho a escrita. Mas desisti de ser sincera, porque era tão trabalhoso depois aguentar a discussão com as pessoas que eu decidi: 'pronto, não tem a mínima importância, não digo mais.' Sinto-me desconfortável nessa matéria".

Subitamente, o mesmo silêncio -- o mesmo que, na fantasia se impõe à mulher adulta, agora já autora de dez livros respeitados pela crítica: "pronto, não tem a mínima importância, não digo mais". Mas, apesar da autora, os livros continuam dizendo, para que as criaturas não sufoquem na gaveta. Dizem e não dizem, porque, em meio às palavras de Hélia, o silêncio se interpõe e há sempre algo que não se explica, algo que não se revela todo, como em *Montedemo*: "As encostas do monte ninguém sobe. Talvez, sim, as crianças. Quem conhece os seus pactos e segredos? Se lá vão, não o contam. Muitos são os momentos em que escapam à vigília das mães e das avós. Mas sempre responderam à chamada quando a festa termina e se regressa. Saltitantes, suadas e cobertas de um quente cheiro a ninho. Investindo nas coxas dos adultos como pequenos bodes matinais. O que há para além disso, e há tanta coisa, nunca foi perguntado e respondido. Porque aquilo que as palavras não cobriram, mesmo que exista, não se reproduz".

Nas intermitências do silêncio e da palavra, ouve-se, nesse texto, uma voz, uma música. Algo de evidentemente oral se passa por ali. "O que me comanda é a métrica. São decassílabos brancos. O que às vezes me faz parar é uma esdrúxula com três sílabas... É uma música, uma matriz musical. Não sou eu a dona, porque, muito menos que o significado, é uma matriz que me comanda, é o mecanismo a que chamava-se, no passado, de inspiração..."

E esse gesto de despossessão autoral, de despossessão da escrita, radicaliza-se no processo de conclusão do livro. "Eu só me liberto de um livro quando ele sai e eu

o passo a outras pessoas. Aí não quero saber mais, não volto a ler, ele tem vida própria. É uma libertação, a publicação. Estão prontos, têm a sua autonomia, não quero mais saber deles. Depois de escrito, dou o texto a ler a três pessoas. São pessoas fixas: Jayme Rocha (o namorado) e um casal, meus compadres, uma médica e um musicólogo, pessoas de extrema sensibilidade. Ele me arranja uma música para ouvir o tempo todo em que estou a escrever o livro -- ele sempre encontra a música certa. São esses os três leitores que têm autorização para cortar o livro -- modificar, nada. Não podem colocar ali alguma coisa que não estava, mas podem cortar o que quiserem. Em **A Casa Eterna**, houve uma grande discussão sobre a última parte, porque ela queria cortar, mas ela perdeu porque os outros dois foram contra".

Mas a esse gesto de absoluto desprendimento, em que a obra surge como um outro radical, corresponde também um gesto de apropriação da voz, do texto, da coisa alheia. Pergunto a Hélia se ela já teria lido alguma coisa de Guimarães Rosa, pois seu último livro lembra-me o tom de Guimarães. E, para além da minha expectativa, Hélia confessa: "É possível. Li as **Veredas**. Aliás, tenho-as aí, em algum sítio. Tenho-as roubadas. Eu faço questão de roubar coisas. É um defeito que tenho. Eu roubo -- invisto aquele objeto de toda a carga que tem que ser roubado. É um chamamento de tal ordem que leva a pessoa a infringir".

Ladra de livros, ladra também de palavras, essa escritora que não evoca em seu texto e em seu depoimento nenhum gesto convencional do autor contemporâneo, subitamente faz lembrar Borges, esse bruxo da linguagem, também ele ladrão de idéias e de palavras. Talvez a isso se deva esse gesto radical de desapropriação do autor: são os objetos (as palavras) que nos chamam, e não o contrário.

E talvez também a isso se deva o apego exagerado da escritora a inúmeros e minúsculos objetos -- os "meus fetiches": coleções de cogumelos de todos os tipos e cores, coleções de gatos de porcelana, cartões de amigos, chapéus, flores secas, cantos de casa. Lugares: "Próximos daqui, escondidos naquela serra, estão os meus Capuchos. Vou lá levá-la". "Este é o meu sítio" -- me diz Hélia, quando entramos no convento dos Capuchos, um mínimo e úmido mosteiro cravado na pedra. "Aqui gostaria de viver, aqui viveria, se me deixassem. Ali, naquela cela menor, um monje se asilou. E ali permaneceu, por trinta anos, até morrer. Aqui eu gostaria de viver. Sou muito ciumenta desse lugar. Não gosto quando muitas pessoas vêm aqui. Só gostaria de ter aqui as pessoas que eu convido".

Sinto-me presenteada. O Convento dos Capuchos, desaparecido na Serra de Sintra, o mais pobre convento da Península Ibérica, me foi dado, num fim de tarde, por Hélia Correia. Como viveria aqui, em meio a essas celas úmidas revestidas por uma fina película de cortiça, essa mulher frágil, asmática, que sofre da falta do ar? Lembrome de Clarice, a nossa, aquela que quis escrever o sopro. Hélia Correia talvez seja perseguida por uma maldição da mesma espécie. É só então percebo que as escrituras de Hélia, as criaturas na gaveta, iriam sufocar, e não exatamente enlouquecer. Mas essa teria sido uma outra estória.

OBRAS DA AUTORA:

O Separar das Águas (romance, 1985)

O Número dos Vivos (romance, 1982)

Montedemo (novela, 1983, 1987)

Villa Celeste (novela, 1985)

A Pequena Morte/ Esse Eterno Canto (poemas em díptico, com Jayme Rocha, 1986)

Soma (romance, 1987)

A Fenda Erótica (folhetim, 1988)

A Luz de Newton (7 histórias de cores, 1988)

A Casa Eterna (romance, 1991)

Perdição; exercício sobre **Antígona** seguido de **Florabela** (teatro, 1991)